



Associação dos Geógrafos Brasileiros
Universidade Federal de Goiás
Instituto de Estudos Sócio-Ambientais - IESA/UFG

VI CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS



**"SETENTA ANOS DA AGB:
AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO E A
GEOGRAFIA NO SÉCULO XXI"**

Data

18 a 23 de julho de 2004

Local

Campus II - Samambaia/UFG
Teatro Rio Vermelho - Centro de Cultura e Convenções de Goiânia

Realização

Associação dos Geógrafos Brasileiros

Inscrições

WIN Produções (0xx62) 241-3939
www.winproducoes.com.br/6cgb
6cgb@winproducoes.com.br

Visite nosso site:

www.cibergeo.org/agbnacional

IMPRESSO

VI Congresso Brasileiro de
Geógrafos



IBGE



UFG

**"SETENTA ANOS DA AGB:
AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO E A
GEOGRAFIA NO SÉCULO XXI"**

Goiânia, 18 a 23
de Julho de 2004

EXCLUSÃO DIGITAL E CIBERESPAÇO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Hindenburgo Francisco Pires – Geografia UERJ – hfpires@uerj.br
Michéle Tancman C. da Silva - UNIVERSO – CECIERJ – micheletc@terra.com.br
Ana Paula de Azevedo Alves -- aluna do CECIERJ – anazevedo1@bol.com.br
Maria Teresa Abreu - aluna do CECIERJ – amaliaromar@ig.com.br

Este trabalho é um relato de experiência do curso de atualização para professores em geografia: “Exclusão Digital e Ciberespaço”, oferecido pela Fundação Centro de Educação Superior a distância do Estado do Rio de Janeiro - CEDERJ.

O objetivo: oferecer uma formação continuada a professores de Geografia da rede pública do Estado do Rio de Janeiro, capaz de incentivar a constituição de estratégias pedagógicas inovadoras; discutir experiências didáticas de professores preocupados em atuar no fortalecimento do currículo de Geografia e nos estudos sobre o desenvolvimento do ciberespaço, da inclusão digital e a alfabetização digital.

Metodologia: foram analisados vários sítios de Ensino de Geografia; foram investigados como se efetiva a transferência de conteúdos sobre o desenvolvimento do ciberespaço e da inclusão digital, para a prática efetiva na sala de aula, aplicados aos diferentes graus de ensino.

Conclusões: a prática pedagógica através do estudo das relações entre a tecnologia, ciberespaço e geografia, passa a influenciar na formação de professores de Geografia que buscam aprimorar o seu campo profissional de atuação. A inserção dos temas exclusão digital e ciberespaço nos currículos de geografia, nos ensinios fundamental e médio, tende aprimorar a prática pedagógica dos professores de Geografia.

Tipo de trabalho: Relatório de pesquisa.

EIXO TEMÁTICO IV: ENSINO, FORMAÇÃO E EXERCÍCIO PROFISSIONAL.

MR 1 - ENSINO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL PERANTE AS MUDANÇAS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

EXCLUSÃO DIGITAL E CIBERESPAÇO NO ENSINO DE GEOGRAFIA:

O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA^[1]

Hindenburgo Francisco Pires – Geografia UERJ – hfpires@uerj.br

Michéle Tancman C. da Silva - UNIVERSO – CECIERJ – micheletc@terra.com.br

Ana Paula de Azevedo Alves – aluna do CECIERJ – anazevedo1@bol.com.br

Maria Teresa Abreu - aluna do CECIERJ – amaliaromar@ig.com.br

“Pela primeira vez na história da humanidade a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no começo de seu percurso profissional serão obsoletas no final de sua carreira.”

Pierre Lévy^[3]

Introdução

Diante do esforço para consolidar no Brasil a inclusão digital e a era digital, principalmente com os recursos do Fust^[4] que estão sendo contingenciados nos últimos anos e que certamente deverão ser descontinuidos frente à divulgação de muitos projetos de inclusão digital no Brasil, o professor de Geografia, cujo seu papel principal é o de educar, orientar, facilitar e acompanhar o desenvolvimento do espaço geográfico, não poderá desprezar nenhuma ferramenta que venha auxiliá-lo na produção de pesquisas e na disseminação do conhecimento. Este é um desafio, porque o professor deverá estar apto, a saber lidar com a quantidade de informações que o seu aluno apresenta, gerenciando, organizando e avaliando o ambiente de aprendizagem. Neste sentido, todos os assuntos são importantes e não devem ser desprezados.

A prática pedagógica através do estudo das relações entre a tecnologia, geografia e desenvolvimento conceitual, no processo ensino aprendizagem, passa desta forma a influenciar à formação de professores de Geografia que diversificam os caminhos na busca da eficiência para garantir seu espaço no campo profissional de atuação.

A comunicação na era digital possibilita a ampliação de meios para a aprendizagem compartilhada e o conhecimento colaborativo potencializando o espaço da sala de aula em ambientes virtuais capazes de estabelecer, além do ensino presencial, a educação a distância. Neste caso, a técnica e as aplicações tecnológicas do ensino a distância tomam formas e influenciam na qualidade do ensino de Geografia. Este desenvolvimento científico e tecnológico é inovativo e está baseado nas forças motrizes que geram implicações técnicas, sociais, políticas e econômicas que são cumulativas e “irreversíveis”^[5]. Configura-se, por tanto, uma mudança profunda na forma de disseminar e adquirir conhecimento através das inúmeras informações disponíveis.

No período atual de expansão da Internet, inovar representa o inevitável risco que todos os profissionais e todas as instituições têm de enfrentar, esta inovação influencia e condiciona o permanente processo de atualização e neste caso, o professor deverá sentir-se seguro para relacionar o conteúdo que vem trabalhando com os recursos tecnológicos do ciberespaço.

A utilização de tecnologias informacionais cria, portanto, novas possibilidades, oferecendo ao professor, uma estratégia capaz de auxiliá-lo na coordenação dos conhecimentos específicos dos alunos. No entanto, não se pode deixar de mencionar que a adesão para a utilização do potencial tecnológico no ensino da geografia, esbarra na dificuldade e o esforço necessário de aprender o como fazer, na falta de infra-estrutura local. Neste sentido, de imediato vem a tona uma pergunta o que fazer para inserir os nossos jovens nesta dinâmica de mundo, principalmente aqueles cujas escolas, se quer tem um computador e muito menos o mínimo de infra-estrutura necessária para ingressar na sociedade da Informação?

O nosso trabalho, através da Fundação CECIERJ, visa oferecer uma formação continuada a professores de Geografia da rede pública do Estado do Rio de Janeiro, capaz de incentivar a constituição de estratégias pedagógicas inovadoras. Neste sentido nossa intenção é mostrar a pronta transferência de ensinamentos ministrados na Universidade para a prática efetiva na sala de aula nos diferentes graus de ensino. Nosso estudo privilegiou o ciberespaço, no curso de atualização para professores em Geografia, oferecido pelo Centro de Educação Superior a distância do Estado do Rio de Janeiro - CEDERJ, intitulado: “Exclusão Digital e Ciberespaço^[6]”.

Este trabalho também propõe discutir e relatar as experiências didáticas dos professores e a inclusão do ciberespaço no currículo de Geografia, passando seus conteúdos diretamente da Universidade para o ensino fundamental, neste sentido foram analisados vários sítios de Ensino de Geografia.

Todas as fontes usadas refletem a revolução informacional como definitiva e crescente em todos os sentidos que nela se queira observar. Sendo assim urge que no universo da ciberexclusão, entendida aqui como a limitação e diferenciação de oportunidades face, ao usufruto da Internet, os professores interfiram com as alternativas que lhes forem acessíveis, com criatividade. Procurando não desperdiçar oportunidades de atualizar-se e repassar imediatamente esses conhecimentos a seus alunos, principalmente se for levado em conta à rapidez do advento tecnológico.

Esta prática oferece aos alunos uma compreensão geral das tecnologias da informação quanto a sua origem, evolução histórica e importância dentro do contexto sócio-econômico atual da globalização e ainda o vocabulário mais utilizado para acessar o ciberespaço procurando ampliar suas noções de tempo e espaço.

Nosso foco é na verdade a alfabetização digital, mesmo sem a presença dos equipamentos tecnológicos, pois a falta destes, não deve tolher as iniciativas de promover as discussões sobre as tecnologias da informação e comunicação (TICs) para o cotidiano escolar, assim como, suas conseqüências sociais. A tarefa não é fácil, porém, concordamos com Dowbor^[7], ao nos levar a refletir, o quanto são fortes as resistências às mudanças e que de uma forma geral, como as novas tecnologias surgem normalmente através dos países ricos, e em seguida através dos segmentos ricos da nossa sociedade, temos uma tendência natural a identificá-las com interesses dos grupos econômicos dominantes. E a verdade é que em parte servem inicialmente a estes interesses. No entanto, uma atitude de mera resistência defensiva frente às novas tecnologias pode terminar por acuar-nos e forçar-nos às posições em que os segmentos mais retrógrados da sociedade vêm se expressando.–

Entendemos que a escola deve cumprir o papel de preparar os seus alunos para experienciar e vivenciar as transformações tecnológicas da sociedade contemporânea, o contato com a informação e o conhecimento, e permitir o acesso à informação classificada, tratada e orientada para fins educacionais e de desenvolvimento que são fundamentais para esta sociedade da informação que vem se consolidando. Hoje a escola, na inércia que conhecemos, está mais direcionada para permitir a integração e atuação do aluno numa sociedade industrial. O acesso ao ciberespaço, conforme é possível concluir, tem importante papel na diminuição da exclusão digital. Sua viabilização está associada a iniciativas no campo da educação digital. Esta, por sua vez, está intimamente associada à melhoria do índice de alfabetização local.

Ensino de Geografia e Ciberespaço: Não há mais “tempo a perder”

A desenfreada aceleração tecnológica está alterando a concepção materialista do espaço, a partir de uma “queima do espaço e da experiência de um tempo em intensificação”. É o que Harvey (1993)^[8] chama de compressão espaço temporal. A velocidade dos *media* eletrônicos instaura uma nova forma de experienciar o tempo, substituindo a noção de tempo-duração por

tempo-velocidade e a instantaneidade das relações sociais. O tempo permeado pelas novas tecnologias eletrônico-comunicacionais é marcado pela presentificação, ou seja, pela interatividade on-line, de fato constatado nas tecnologias de telepresença em tempo real que alteram nosso sentido cultural de tempo e espaço. Através desta constatação, um tempo-real possibilita a organização de novas relações sociais que se expressam na formação de estruturas virtuais de acumulação (Pires, 2004) e na reestruturação do espaço concreto preexistente, provocando intenso processo de inclusão e exclusão de lugares e de pessoas na rede.

Neste processo, as relações e o mundo passam por instantes, em que os tempos verbais se confundem, onde sem medo de errar, pode-se dizer que o “futuro foi ontem”. Na concepção dos nossos alunos, basta observar as expressões de seu cotidiano, onde não há mais “tempo a perder”, pois o tempo no espaço virtual não é o mesmo do espaço real. Pode-se aqui refletir o que os alunos querem dizer quando, utilizando expressões como “FUI” fazem uso da conjugação do verbo no passado, significando que alcançaram o futuro sem realmente ter saído do presente em que se encontram. Esse é um sinal claro da instantaneidade das relações sociais na voz aos alunos.

“TÁ LIGADO?”, “DEMORÔ”, “JÁ É!”

As conotações do mundo informacional invadem o cotidiano das escolas, como se fossem gritos de alerta a exclusão digital a que a classe trabalhadora estão sujeitas.

É preciso perceber que, ou se desvenda os mistérios destas novas tecnologias para esses alunos, ainda que junto com eles, ou estas tecnologias, os deixarão de fora do “admirável mundo novo”, que já está em processo de franca instalação em suas vidas. Este mundo novo,

tal qual anunciado por Castells^[9], é um mundo no qual caminhamos para um novo tipo de sociedade em que “a sua matéria-prima fundamental, assim como o seu principal resultado, é a informação”(1996, 10). Estas mesmas tecnologias já estão disponíveis nos setores econômicos (comércio, indústria e setor de serviços) e de todos fazem parte, embora ainda não estejam presentes efetivamente em suas casas.

Ao se introduzir o estudo do CIBERESPAÇO, trabalhando a capacidade de análise dos alunos, devemos desenvolver sua habilidade para refletir o que é informação relevante e orientar os estudantes, no sentido de que aprendam a concentrar seus objetivos e deles não se distanciar muito. A capacidade de análise que se quer desenvolver reflete a opção de escolha, que cada cidadão deve ter, a partir de seus valores morais, éticos e culturais.

Tema	Conceitos acadêmicos	Prática na sala de aula.
Ciberespaço	Mudanças de paradigmas	A – INTRODUÇÃO Através de texto reflexivo sobre a música “Como uma onda” de Lulu Santos. B – DESENVOLVIMENTO Desenvolvimento histórico, vocabulário específico – Internet, computador, C – CONCLUSÃO Vivemos a era informacional em nosso imaginário e na prática cotidiana apesar de ainda não dispormos de tecnologias possuímos suas principais referências.
Localização no Ciberespaço	Os Fixos e os fluxos	A – INTRODUÇÃO Através da música “Parabolicamará” de Gilberto Gil. B – DESENVOLVIMENTO Revisão de coordenadas geográficas, com destaque ao virtual dessas linhas imaginárias e introdução às coordenadas do ciberespaço (http://www, @, ftp). C – CONCLUSÃO Hoje não só “navegamos” pelos oceanos da Terra,

		podemos também navegar pelo ciberespaço por um oceano virtual.
A sociedade em rede	Sociedade do conhecimento	<p>A – INTRODUÇÃO</p> <p>Será utilizada a Letra da música “Internet” de Gilberto Gil.</p> <p>B – DESENVOLVIMENTO</p> <p>Localização da comunidade escolar no bairro – zona urbana – cidade – estado – país – porção continental – ciberespaço – planeta – sistema planetário – galáxia.</p> <p>Dados que se transformam em informações que se transformam em conhecimento.</p> <p>C – CONCLUSÃO</p> <p>A formação de uma rede social de ajuda onde os conceitos de sítio geográfico associado a identidade local dentro da global produz a pergunta tema de quem somos nós? Do trabalho “Quem mora atrás da face?”.</p>
O Espaço Virtual	O real e o virtual se mesclam no mundo cibernético	<p>A – INTRODUÇÃO</p> <p>Será utilizada a Letra da música “Aquarela” de Toquinho e Vinícius de Moraes.</p> <p>B – DESENVOLVIMENTO</p> <p>O espaço virtual, mapas do ciberespaço e sua relação com as potências no mundo globalizado no planisfério.</p> <p>C – CONCLUSÃO:</p> <p>A ciberexclusão é reflexo da injustiça social do mundo real e global.</p>
O mapa da exclusão digital	A desigualdade econômica e a oportunidade histórica de reduzir a exclusão.	<p>A – INTRODUÇÃO:</p> <p>Será utilizada a Letra da música “Internet” de Gilberto Gil.</p> <p>B – DESENVOLVIMENTO</p> <p>Conceito de home-page, e-mail, provedor, escola, endereço eletrônico local.</p> <p>C – CONCLUSÃO</p> <p>Confecção de uma página pessoal (home page) <u>em papel</u> – “Quem não tem link tem leque”.</p>

As tecnologias não são boas ou más, é preciso vencer na escola este preconceito e a dicotomia maniqueísta que esta concepção introduz, as tecnologias são mais que máquinas, representam o legado do conhecimento social acumulado sob a forma de ciência, as tecnologias, quando são utilizadas eticamente em benefício de toda a sociedade, revelam no seu uso social que estão para além do bem e do mal. E muitos são os benefícios advindos do uso social das Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs, assim como também são concretos os prejuízos por ela causados nos diferentes aspectos: psicológico, físico, social, ambiental. [\[11\]](#)

É preciso destacar que as TICs podem causar DT (dependência tecnológica) capaz de atingir o *equilíbrio psíquico*, que pode ser afetado pela nova situação, formando dois grupos de pessoas: os *fornecedores da informação* e os *dependentes dela*. Dentre estes, de um lado, estariam os que saberiam utilizar a informação em plenitude e, de outro, os que seriam, afinal, os *"analfabetos" de amanhã*, por não estarem treinados para tirar partido dos meios informáticos, por estarem inaptos a lidar com eles.

Preocupado com os efeitos tecnológicos, Capra [\[12\]](#) (1996) é outro teórico que enfatiza a necessidade de revermos alguns paradigmas quando afirma: “Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente, necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece. Precisamos,

pois, de um novo paradigma – uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores”.

Robert Blay, apud Costa, reporta a esta questão. Para ele, “A tecnologia destruiu inter-relações na comunidade humana, que levaram séculos para serem desenvolvidas... Nós estamos nos afogando em incontroláveis dilúvios de informação. Estamos vivendo entre adolescentes desanimados e atormentados, que não conseguem encontrar qualquer esperança” [\[13\]](#)

Atualmente há uma discussão, e uma tentativa de reversão dos fenômenos causados pela 1ª Revolução Industrial e conseqüente urbanização, porém uma nova ameaça se faz presente e a exemplo dessa industrialização inicial, os efeitos devastadores das novas tecnologias informacionais devem necessariamente vir acompanhada de um desenvolvimento racional e sustentável. Para isso, é necessário inserir nesse contexto da ciberalfabetização, a abordagem dos efeitos das tecnologias informacionais no campo ecológico. Sabendo que, na discussão ecológica está inserida a qualidade de vida da sociedade e seus efeitos, como o caso apresentado em Estudos da Universidade da ONU, em Tóquio, Japão, revelam o impacto que computadores usados estão provocando no meio-ambiente. Toneladas deles estão sendo transportados, em navios, de países ricos para países em desenvolvimento para serem reciclados.

Os processos usados na reciclagem, como os "banhos de ácido" para limpar os circuitos, podem provocar grandes danos à natureza. A preocupação dos ambientalistas se justifica, pois o número de computadores só aumenta. Em 2002, já havia mais de um bilhão deles no mundo. E calcula-se que 130 milhões de unidades sejam comercializadas anualmente. Este é um fenômeno dos tempos modernos que já preocupa ecologistas. [\[14\]](#)

Neste momento entendemos ser fundamental a interferência do educador, pois ao levar essas discussões para a sala de aula, estará minimizando esse assustador quadro que vem ocorrendo nos países desenvolvidos, onde as Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs possibilitam uma densidade e uma concentração maior de seus conteúdos (fixos) e portanto de suas relações (fluxos), e desta forma, ampliando ainda mais as diferenças entre os que “podem” e os que “não podem”.

Nessa interferência do educador é importante a abordagem de três eixos fundamentais que são: a justiça social, o desenvolvimento sustentável e a responsabilidade social. Principalmente porque de acordo com Pires [\[15\]](#), As novas formas de fazer política ganham força no ciberespaço, temas globais e locais podem ser discutidos sem as barreiras tradicionais da distância física, proporcionando a possibilidade da articulação e a mobilização política global através da rede mundial de computadores, a Internet.

Os cibercidadãos, assim como o capital, têm a possibilidade de serem também globais (Pires, 1994).

Fetichismo Digital ou Quem Mora Atrás da Face?

É a partir da concepção de que o educador deve suscitar o pensamento crítico juntamente com a ciberalfabetização nos educandos, que surge o trabalho, no qual denominou-se “fetichismo digital”

O sujeito do “fetichismo digital”, somos todos nós, seres desta “sociedade do conhecimento” emergente. Neste contexto, em que todo o conhecimento é compartilhado, no qual novos conceitos surgem e outros tantos desaparecem, é importante ter consciência da participação conjunta na construção coletiva do conhecimento, que não deveria ser propriedade privada de alguns ou instrumento de apropriação individual de poucos, e sim de toda a humanidade, como é o SOFTWARE LIVRE.

Como ser este sujeito depois de sua inserção no ciberespaço? Esta é a mesma pergunta que dá título a este trabalho “quem mora atrás da face?” Quais as interferências sociais que os sujeitos serão capazes de fazer no espaço geográfico, ao serem subsumidos.

Portanto, é fundamental responder a pergunta título deste trabalho: “Quem mora atrás da face

do ciberespaço?” Como incluir o estudo do ciberespaço na proposta curricular dos ensinios fundamental e médio da Geografia? Os conceitos apreendidos no curso: Exclusão Digital e Ciberespaço, são fundamentais para serem repassados na sala de aula.

O futuro não mais está na esperança do amanhã e sim no presente e desta maneira, a ação deverá ser urgente. A exclusão digital amplia ainda mais as contradições vivenciadas pela classe trabalhadora nos países periféricos.

Conforme citado anteriormente, a mudança na temporalidade das relações interferiu e está alterando o uso dos tempos verbais.

Aos excluído das novas tecnologias, tendo como referência a globalização e o fetichismo digital, restará apenas serem considerados com os deserdados da era digital, os “off-siders”? Quando isso acontece o ser humano perde sua identidade cultural e sua capacidade de adaptação à inovação?

Por isso, é importante implantar estas discussões nas aulas de Geografia, interpretando o desejo coletivo, mesmo que inconsciente de nossos jovens de compartilhar a experiência sobre os avanços tecnológicos de seu tempo e este é um legítimo direito de todas as gerações nesta era da informação. Constitui uma nova modalidade de cidadania, a cibercidadania.

Este trabalho quer também ampliar o debate sobre a temática da ecologia profunda, citada por Capra (1996:26): “...a percepção da ecologia profunda é percepção espiritual ou religiosa. Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexão, com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda.”

O termo Ecologia profunda é criado por Arne Naess, um filósofo norueguês, no início da década de 70, amparado numa percepção espiritual e religiosa, onde o homem é entendido como parte de um todo cósmico que não pode ser desagregado.

Essa concepção valoriza o respeito às emoções e a espiritualidade dos humanos, sua filosofia, bem como divulga os recentes avanços da neurociência que florescem nos estudos mais avançados sobre a consciência humana.

Estar ciberespaço ou navegar no ciberespaço depende da emoção predominante no caráter do ser consciente que habita atrás de cada face, que mais cedo ou mais tarde será descoberta, contra o fetichismo digital em favor da cibercidadania.

Considerações Finais

A prática pedagógica através do estudo das relações entre a tecnologia, ciberespaço e geografia, passa a influenciar na formação de professores de Geografia que buscam aprimorar o seu campo profissional de atuação.

A inserção dos temas exclusão digital e ciberespaço nos currículos de geografia, nos ensinios fundamental e médio, tende a aprimorar a prática pedagógica dos professores de Geografia.

Portanto, o sucesso de “quem mora atrás da face?” que ocorre com a inserção do tema do ciberespaço nos currículos de geografia, nos ensinios fundamental e médio, pertence a todos que buscam contribuir para atualização da prática de Ensino em Geografia.

Bibliografia

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo. Editora Cultrix, 1996.

CARLOS, A. F. A. (Org.) *A geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999. (Coleção Repensando o ensino).

CASTELLS, Manuel. Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade informacional. *In: Novas perspectivas críticas em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COSTA Ana Maria Nicolaci da. Simples Como uma Torradeira: um Estudo Sobre o Computador no Cotidiano da Nova Geração. *In: Revista Psicologia Ciência e Profissão*, Ano 22, Nº1.

Disponível no endereço: http://www.pol.org.br/revista/arquivo/2002/22_1/artigo09.cfm .
Acessada em: 30/04/2003.

DOWBOR, Ladislau. *Conhecimento, educação e comunicação*. Disponível no endereço: <http://www.clacso.edu.ar/~libros/anpocs/dowbor.rtf>. 1998 . Página acessada em: 30/04/2003.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

PIRES, Hindenburgo Francisco. Inovação Tecnológica e Desenvolvimento da Cibercidade: O advento da Cibercidade. Artigo publicado nos *Anais do Simpósio Internacional Cybercity 2003*, São Paulo, 2003. Disponível em CD-Rom e no endereço: <http://www.cibergeo.org/artigos>

PIRES, Hindenburgo Francisco. Internet, Software Livre e Exclusão Digital: Impasses e opções no desenvolvimento de políticas públicas de alcance social no Brasil. In: *Revista Geouery* Nº 12, Rio de Janeiro, pp.11-22, 2002. ISSN 1415-7543. Disponível no endereço: <http://www.cibergeo.org/artigos>

SILVA, Michéle Tançman Candido da. Internet, Geografia e software livre Mesa-redonda apresentado no do *XIII Encontro Nacional de Geógrafos – ENG, João Pessoa, 2002*. Disponível no endereço: <http://www.tamandare.g12.br/ciber/>. Acessado em 30/04/2004.

SILVA, Michéle Tançman Candido da. A (ciber) geografia das cidades digitais. Disponível no endereço: <http://www.tamandare.g12.br/cidadedigital>. Acessado em 30/04/2004

[1] Relatório de pesquisa

[2] Relatório de pesquisa constar o tipo de trabalho: relatório de pesquisa, iniciação científica, monografia de conclusão de curso, dissertação ou tese.

Referências

[3] LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

[4] Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações - Este fundo foi instituído por leis federais, cabendo a coordenação das aplicações ao Ministério das Comunicações e na ANATEL, envolvendo, também, outros ministérios e órgãos governamentais federais, estaduais e municipais, numa rede que levará mais telefonia e computadores a milhões de usuários.

[5] Sociedade da Informação – Ciência e Tecnologia para a construção da Sociedade da Informação no Brasil. Brasília:CNPq/ IBICT/ São Paulo: Instituto UNIEMP, 1998.

[6] No curso é analisado os fundamentos teóricos da geografia do ciberespaço, o estudo da relação da tecnologia e desenvolvimento das Cidades Digitais no Brasil, enfocando aspectos da inclusão digital como possibilidades de minimizar as diferenças no campo social, econômico, cultural e educacional de uma comunidade e neste caso, a brasileira, criando suporte de participação, promoção e democracia no exercício efetivo da cidadania. Um dos vieses de análise geográfica.

[7] Dowbor, Ladislau (1998) *Conhecimento, educação e comunicação*. Disponível no endereço: <http://www.clacso.edu.ar/~libros/anpocs/dowbor.rtf>. Acessada em: 30/04/2003.

[8] HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

[9] CASTELLS, Manuel. Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade informacional. In: *Novas*

perspectivas críticas em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

[11] Ver mais detalhes no texto: SILVA, Michéle Tanckman Candido da. Internet, Geografia e *software* livre Mesa-redonda apresentado no do *XIII Encontro Nacional de Geógrafos – ENG, João Pessoa*, 2002. Disponível no endereço <http://www.tamandare.g12.br/ciber/>. Acessado em 30/04/2004.

[12] CAPRA, Fritjof. *A teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo Editora Cultrix, 1996.

[13] COSTA Ana Maria Nicolaci da. Simples Como uma Torradeira: um Estudo Sobre o Computador no Cotidiano da Nova Geração. In: *Revista Psicologia Ciência e Profissão*. Ano 22 Nº1. Disponível no endereço: http://www.pol.org.br/revista/arquivo/2002/22_1/artigo09.cfm Acessada em: 30/04/2004.

[14] Fonte: *Jornal do Brasil* publicado em 08/04/2004. Disponível no endereço: http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/jb_ecologico/ acessado em 08/04/2004

[15] PIRES, Hindenburgo Francisco. Inovação Tecnológica e Desenvolvimento da Ciberidade: O advento da Ciberidade. Artigo publicado nos *Anais do Simpósio Internacional Cybercity 2003*, São Paulo, 2003. Disponível em CDROM e no endereço: <http://www.cybercity.com.br/>.

[16] Carta do Cacique americano ao Presidente dos Estados Unidos da América. É possível acessar a carta a qual nos referimos em alguns sites como os que se seguem: http://www.comitepaz.org.br/chefe_seattle.htm ou http://smdavid.objectis.net/biblioteca/carta_seattle/view